

# MARX E ENGELS: DEMOCRACIA E ECONOMIA

Muniz G. Ferreira\*

A própria situação da burguesia, como classe na sociedade capitalista, gera inevitavelmente a sua inconseqüência na revolução democrática. A própria situação do proletariado como classe, obriga-o a ser democrata conseqüente. A burguesia, temendo o progresso democrático que ameaça fortalecer o proletariado, volta os olhos para trás. O proletariado nada tem a perder a não ser as suas cadeias, mas, com a ajuda da democracia, tem todo o mundo a ganhar.



August H. Nimtz Jr.

V. I. Lênin, *Du táticas da socialdemocracia na revolução democrática.*

Uma das características mais marcantes do desenvolvimento histórico das sociedades latino-americanas, nas duas últimas décadas, tem sido o desafio, constantemente colocado diante das forças políticas e sociais progressistas, no sentido de desenvolver de forma bem-sucedida as lutas pelas transformações econômicas e sociais exigidas pela realidade nos marcos das recentes, e muitas vezes instáveis, experiências democráticas em andamento. A sucessão de percalços registrados por nossos noticiários políticos % onde personagens, partidos e coalizões até então tidos como política e socialmente avançados têm claudicado no atendimento das demandas para as quais foram eleitos e em que outros atores buscam o respaldo das massas para implementar iniciativas de inspiração messiânica e caudilhesca ao arpejo da processualidade democrática – repropõe a discussão acerca da existência ou não de relações de interdependência entre a conquista e o aprofundamento da democracia política

e a implementação de um programa de realizações econômicas e sociais em benefício das grandes massas populares. No âmbito editorial, esse debate foi estimulado nos últimos anos pela publicação de pelo menos três livros que tiveram alguma repercussão entre nós, como foi o caso do livro de Ellen Meiksins Wood, *Democracia contra capitalismo – a renovação do materialismo histórico*; do

trabalho de Geoff Eley, *Forjando a democracia – a história da esquerda na Europa: 1850-2000*, e ainda da obra de Jaques Attali, *Karl Marx o el espírito do mundo*, este último ainda sem edição no Brasil.

Mas talvez a obra que tenha abordado a problemática de forma mais bem informada e rigorosa tenha sido o estudo do cientista político norte-americano August H. Nimtz Jr., *Marx and Engels: Their Contribution to the Democratic Breakthrough*. Praticamente desconhecido do público leitor brasileiro (nenhum de seus trabalhos até hoje foi vertido para o português), o autor é vinculado ao Departamento de Ciência Política da Universidade de Minnesota, onde ministra cursos abordando as relações entre raça, classe e etnicidade, bem como sobre a política africana contemporânea. Em suas atividades de pesquisa e em suas publicações frequentes temas como o islã e a política na África oriental, as lutas pelo socialismo no Caribe e na África meridional e as reflexões de Marx e Engels sobre a escravidão nos Estados Unidos.

A narrativa de Nimtz estrutura-se sobre três postulações fundamentais:

- a) Marx e Engels foram os personagens principais do movimento democrático do século XIX, o período, segundo o autor, mais vitorioso da longa luta da humanidade pela democracia.

\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. E-mail: munfer@terra.com.br.



- b) Eles desempenharam esse papel por serem, em primeiro lugar e acima de tudo, ativistas políticos, e não apenas “pensadores”, que constituíram uma parceria revolucionária, circunstância que explicaria também o sucesso singular que tiveram na promoção de suas próprias perspectivas políticas.
- c) Seu envolvimento ativo nos levantes revolucionários dos anos 1848-1849 na condição de comunistas possibilitou-lhes extrair lições e conclusões que qualificaram seus esforços na luta pela democracia.



Eric Hobsbawm

aquela proporcionada por Marx e Engels era, em outras palavras, a condição suficiente.<sup>2</sup>

Para o autor, Marx e Engels foram antes de tudo seres políticos. Apresentá-los como simples pensadores, pior ainda, como pensadores quixotescos, constitui um tratamento não apenas inadequado, mas também mal-intencionado. Da juventude até a morte foi a política – a saber, a política revolucionária – o eixo em torno do qual suas vidas gravitaram. Foi exatamente a combinação de suas perspectivas comunistas com o ativismo político que possibilitou-lhes aportarem as mais decisivas contribuições ao movimento democrático do século XIX. A realidade do autoritarismo prussiano – e não os caprichos filosóficos ou idiossincrasias familiares, como sugerido habitualmente no interior da marxologia – teria desempenhado o papel de fator decisivo na formação de Marx e Engels como pensadores e ativistas revolucionários. Nesse sentido, argumenta Nimtz, as indagações que ocupavam o lugar primordial no elenco de preocupações teórico-políticas de Marx e Engels versariam sobre temas do tipo: Como poderia a nação alemã adquirir a democracia política? Qual estrato social deveria desempenhar o papel decisivo nessa realização? Deveriam ser as massas populares abandonadas ao seu espontaneísmo? Para o jovem Marx, um jornalista de esquerda, a existência da censura estatal prussiana alertava para o fato de que a solução de tais problemas não constituía um mero exercício acadêmico.

A primeira tarefa de Marx e Engels para responder a esses questionamentos foi ajustar contas com as bases de suas próprias formações intelectuais, em particular com a filosofia clássica alemã. Tal filosofia havia se mostrado inadequada para responder às questões, cujas respostas eles procuravam. Aquela, na melhor das hipóteses, oferecia alguns *insights* metodológicos, na pior naufragava no apriorismo e no elitismo intelectual. Mesmo o mais bem dotado representante daquela geração de pensadores, o materialista Ludwig Feuerbach, padecia de uma deficiência fatal: sua incapacidade de compreender e participar da política. Somente o estudo do “movimento real”, ou seja, dos rumos da história e suas forças motoras, em vez de esquemas

Nimtz baseia-se nas análises desenvolvidas por Dietrich Rueschemeyer, Evelyn Stephens e John Stephens no livro *Capitalist Development and Democracy* para o desenvolvimento da argumentação, segundo a qual a auto-organização da classe

operária, na segunda metade do século XIX, foi o principal fator responsável pelo *triunfo da democracia*, ou seja, a instituição do sufrágio universal, a responsabilidade do aparato do Estado para com o parlamento eleito e a aquisição das liberdades civis. Recorre também à análise histórica desenvolvida por Eric Hobsbawm no livro *A era dos impérios, 1875-1914*, para a afirmação de que: “Não existia uma conexão necessária entre a disposição de fazer greve e se organizar e a identificação da classe dos empregadores (os ‘capitalistas’) como o grande adversário político”.<sup>1</sup> Para Nimtz, Marx e Engels representaram, quanto a esse aspecto, a função de elo de ligação, sendo sua contribuição indispensável à elevação da consciência política do proletariado. Em suas palavras:

Se o capitalismo foi a condição necessária para o triunfo da democracia por ter trazido à existência a classe operária, então uma liderança política consciente como

Marx e Engels foram antes de tudo seres políticos. Apresentá-los como simples pensadores, pior ainda, como pensadores quixotescos, constitui um tratamento não apenas inadequado, mas também mal-intencionado.



e fórmulas pré-concebidas, e apenas através da atividade prática, quer dizer, da política, aquelas questões poderiam ser satisfatoriamente respondidas. O “movimento real da história” ofereceria a Marx e Engels uma lição que permaneceria no âmago de suas personalidades políticas: uma profunda crença na capacidade dos oprimidos libertarem a si mesmos. A ruptura de Marx com Ruge foi provocada fundamentalmente por suas diferenças em face dessa questão vital. A falta de fé de Ruge tipificava um aspecto característico dos reformadores sociais de todos os tipos, com o qual Marx e Engels se defrontariam em suas várias versões e os quais combateriam pelo resto de suas vidas. No seio da pequena burguesia e entre seus líderes políticos reformistas, imperaria uma falta de fé na capacidade de auto-emancipação dos oprimidos, o que os conduzia à crença na necessidade de que outros indivíduos ou classes o fizessem em seu nome, fosse um ditador iluminado, a burguesia liberal ou um punhado de “homens eleitos”.

Portanto, a partir do estudo do movimento real da história, Marx formulou sua terceira tese sobre Feuerbach acerca da educação, do educador e da educação dos oprimidos através da luta para a conquista do poder e a construção de uma nova sociedade. Até o fim, eles (Marx e Engels) sempre retornaram a essa tese, expressa de diferentes maneiras em numerosas manifestações e pronunciamentos. A própria tendência verificada ao longo de suas vidas, no sentido de priorizarem o trabalho político em relação ao trabalho intelectual, sempre que houvesse um movimento verdadeiro em curso, era a realização dessa tese.

O movimento real da história também ensinou que enquanto a desigualdade social persistisse, ou seja, a sociedade de classes, a “verdadeira democracia” e a “soberania popular” seriam impossíveis. Daí, a necessidade de uma revolução social que eliminasse a propriedade privada dos meios de produção e, portanto, a dominação de classe, eliminando em contrapartida a necessidade do Estado, inclusive a do Estado democrático. Mas, o pré-requisito da revolução social era a revolução democrática, o melhor terreno no qual os oprimidos poderiam se preparar para a conquista do poder e o autogoverno. Na medida em que Marx e Engels



Karl Marx

enxergavam claramente as limitações da democracia burguesa, sua estratégia consistia em empurrá-la o mais longe possível, advogando formas e práticas, tais como a forma republicana de governo, que permitiriam a parcelas cada vez mais amplas da sociedade exercer controle sobre o Estado. Para o autor, o estudo engelsiano sobre a Inglaterra teria tido um enorme impacto sobre Marx, mostrando que o proletariado constituía a classe

verdadeiramente revolucionária. O movimento real mostrava mais uma vez que o proletariado poderia tanto agir quanto pensar. Os filósofos a quem Marx havia previamente denominado de “a humanidade pensante” tornavam-se agora dispensáveis.

Sendo comunistas e não deterministas, Marx e Engels teriam compreendido que o movimento real do qual teriam de participar proporcionaria uma resposta aos problemas da revolução na Alemanha, apontando o caminho para uma solução mais eficaz dos problemas. Segundo Nimitz Jr., foi exatamente o que aconteceu quando da deflagração da revolução de 1848. Eles imediatamente complementaram o *Manifesto do Partido Comunista* com as *Forderungen der Kommunistischen Partei in Deutschland* (reivindicações do Partido Comunista na Alemanha), que constituíam uma plataforma programática para forjar a aliança popular com o campesinato e a pequena burguesia urbana sob a condução do proletariado. Portanto, a despeito do muito que tem sido dito em contrário, a aliança operário-camponesa já era um componente vital na estratégia de Marx e Engels. Ao discutir a participação dos fundadores do marxismo na revolução democrática alemã de 1848 e as apreciações produzidas por eles acerca da “primavera dos povos”, da revolução e da contra-revolução na França, o autor contrasta a coerência democrático-revolucionária de Marx e Engels com as vacilações e por fim a traição dos líderes liberal-burgueses,

Em consequência de seu enraizado temor das massas, seu horror à ascensão destas ao poder por meio da revolução, Tocqueville teria auxiliado na preparação do terreno para a ditadura de Luiz Bonaparte.

segundo Nimitz Jr., menos temerosos do autoritarismo das oligarquias feudais do que da militância crescente do proletariado, ademais propensos a aquiescer com um poder ditatorial como o de Luiz Bonaparte.

É exemplar a esse respeito a caracterização realizada pelo autor sobre o comportamento do republicano moderado ou, segundo suas palavras, “democrata vacilante”, Alexis de Tocqueville: “uma das alternativas favoritas do liberalismo do século XIX à influência de Marx”. Tocqueville sintetizaria a resposta daquela vértente sociopolítica (o liberalismo/republicanismo burguês) à revolução. Em conseqüência de seu enraizado temor das massas, seu horror à ascensão destas ao poder por meio da revolução, Tocqueville teria auxiliado na preparação do terreno para a ditadura de Luiz Bonaparte. Embora se possa argumentar que o fez involuntariamente, como realmente aconteceu com muitos “reformistas” de então, o fato é que ele conscientemente teria rejeitado a única via que poderia impedir a derrubada da república, ou seja, a mobilização revolucionária das massas. Enquanto na Alemanha Marx e Engels faziam tudo o que podiam para conseguir exatamente isso, de modo a impulsionar o avanço da revolução, Tocqueville fazia o possível, na França, para esmagá-la. Embora Tocqueville tenha escrito que efetivamente queria manter a república – segundo Nimitz, talvez já pensando em seu epitáfio, ele não teria tido a vontade de fazê-lo para garantir esse resultado na França dos anos 1848-1851. Em outras palavras, não conseguiu contribuir com seus atos para o triunfo da



Luiz Bonaparte

democracia. Não conseguiu porque, para o autor, tinha medo daquele fenômeno pelo qual Marx e Engels lutavam apaixonadamente na mesma época: o protagonismo das massas operárias e camponesas no processo revolucionário.

Em conclusão, podemos afirmar que o texto de Nimitz oferece uma contribuição oportuna a um debate profundamente atual. Recensando as obras teórico-políticas de Marx e Engels sobre o pano de fundo da história política e social do *intermezzo* revolucionário dos anos 1848-1850, o autor recupera as origens revolucionárias da democracia, a sua reivindicação militante e conseqüente pelos fundadores do marxismo, a qual tendo como contraponto o deslocamento dos representantes tanto teóricos quanto práticos do liberalismo burguês para fora do campo da revolução, situam Marx e Engels na destacada posição de pilares da luta pelo triunfo do processo democrático. E enquanto contribuição relevante para o debate teórico político atualmente em curso, cabe esperar que sua obra possa despertar o interesse de alguma editora em publicá-la em nosso país.

## NOTAS

- 1 Eric Hobsbawm, *The Age of Empire: 1875-1914* (Nova York: Pantheon Books, 1987), p. 127, *apud*, August H. Nimitz, Jr., *Marx and Engels: their Contribution to the Democratic Breakthrough* (Albany: State University of New York Press, 2000), p. viii.
- 2 August H. Nimitz Jr., *Marx and Engels: their Contribution to the Democratic Breakthrough* (Albany: State University of New York Press, 2000), p. viii.